

## EDITORIAL

Os trabalhos deste número da revista UNIVAP têm uma história: resultam do II Seminário sobre Planejamento Urbano e Regional e Arquitetura e Urbanismo – II S[PLURAU]. O evento foi realizado no contexto do convênio de cooperação entre a UNIVAP e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e envolveu, respectivamente, os programas de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional e de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Foi um evento virtualmente itinerante, que aconteceu na PUC-Campinas, de 25 a 27 de abril de 2022, e na UNIVAP, de 2 a 4 de maio de 2022.

Planejamento urbano e regional e arquitetura e urbanismo: compassos e descompassos.

Esse foi o título do evento. Seguiu a agenda de discussões que, no contexto da globalização neoliberal, sob um grau de complexidades espaciais sem precedentes, exigiram transversalidades da política territorial no conhecimento científico, tecnológico e da informação e comunicação. E a questão pede, sobremaneira, a presença ativa do planejamento urbano e regional e da arquitetura e urbanismo, áreas devotadas ao estudo da constituição do fenômeno espacial e à proposição de cenários futuros. No campo das ciências sociais aplicadas, essas áreas são as que especificamente produzem conhecimento associado ao plano e ao projeto. E porque essa virtude também as aproxima extraordinariamente, essas áreas podem e devem contribuir na reflexão e na busca de soluções.

Contudo, há problemas quando se trata de definir o objeto desses saberes. Especialmente na pós-graduação, o compartilhamento de visões de mundo de numerosas e distintas formações suscita questionamentos desnecessários e contraproducentes. Com exceção da técnica e projeto da forma em arquitetura, tudo o mais da disciplinaridade da formação intrínseca a essas duas áreas não impede o tratamento interdisciplinar do fenômeno e da intervenção espacial. Em princípio, a troca de ideias entre pesquisadores de diversas áreas favorece a interdisciplinaridade e esse reconhecimento age como catalizador no desenvolvimento de dissertações e teses. Isso é inquestionável.

No Brasil, pode-se dizer, as imbricações entre tais áreas das ciências sociais aplicadas são portadoras de singularidades. Nasceram quando a Carta de Atenas, de 1933, manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, no primeiro, entre os 95 pontos da Carta, disciplina: “a cidade é só uma parte de um conjunto econômico, social e político que constitui a região”. E mais o seguinte. “O plano da cidade é só um dos elementos do todo constituído pelo plano regional”.

Então, o planejamento regional, como área de conhecimento específico em relação à arquitetura e urbanismo, ainda não havia sido constituído. A primeira menção indireta a essa dimensão de planejamento territorial foi ocasionada no mesmo ano da Carta de Atenas, em 1933, com o plano da Tennessee Valley Authority (TVA), mas foi política do New Deal. A TVA não teria sido um plano categoricamente concebido como dimensão do planejamento regional, tal como proclamava Le Corbusier, o principal porta-voz do urbanismo.

O planejamento regional esteve entre as preocupações da arquitetura porque, moderna, reunia também o plano da cidade e da região. Ser moderno era lidar com as escalas do projeto e do plano. Do edifício e da cidade. E a cidade está na região.

A influência do ideário moderno no ensino da arquitetura no Brasil está

explícita na criação dos primeiros cursos de arquitetura e urbanismo. Em 1991, a experiência brasileira de formação combinada entre Arquitetura e Urbanismo foi regimentada em legislação, unificando as denominações anteriormente existentes dos cursos e da profissão: arquiteto, engenheiro-arquiteto, urbanista, entre outras variantes.

A regulamentação derivou do artigo 22, XVI, da Constituição Federal, que trata da legislação sobre a organização do sistema nacional de emprego e condições para o exercício de profissões como competência privativa da União.

Outra dimensão é a trajetória geracional dos arquitetos e urbanistas associada aos diferentes contextos históricos e às reações que se fizeram repercutir no ensino e na prática.

Os cursos de pós-graduação em planejamento urbano e regional ganham destaque nos anos 1960. Estavam associados à relevância atribuída à análise do desenvolvimento sob o ponto de vista interdisciplinar das ciências humanas e sociais.

Realizado pelo Centro Interamericano de Vivenda e Planejamento (CINVA), o Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano, de 1958, em Bogotá, constituiu os princípios da “Carta de los Andes”. Publicado em português em 1960, o documento marca a entrada da arquitetura e urbanismo na questão do desenvolvimento dos países sul-americanos. Introduz o planejamento urbano no projeto urbanístico.

Fala-se, por conseguinte, em planejamento urbano em equivalência ao urbanismo, e vice-versa, e com a experiência da SUDENE, o contexto espacial da análise é ampliado ao planejamento regional.

Teria sido assim que, no âmbito externo à arquitetura e urbanismo, o planejamento urbano e regional tornou-se área de conhecimento interdisciplinar e específica. Em paralelo, esses percursos contribuem para que haja muitas interfaces entre essas duas áreas, mas que precisam ser explicitadas e debatidas.

Uma tentativa de identificá-las ocorreu no II SPLURAU. Resultam da convivência entre pesquisadores das instituições envolvidas e da análise de conteúdo das informações disponíveis no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes do CNPq (DGP).

São os seguintes:

1. Território e configurações culturais;
2. Políticas públicas territoriais, ambiente e paisagem;
3. Espaço herdado e refuncionalização;
4. Constituição do espaço urbano e regional;
5. Modernização da forma urbana e sociedade e
6. Formação urbana, das cidades e das técnicas.

No seminário, tais campos conformaram a organização dos eixos temáticos do evento. Agora podem servir de pistas para outras discussões futuras.

O evento contou com a participação de sete conferencistas e 46 palestrantes provenientes das duas instituições organizadoras do evento, e os trabalhos deste número da revista UNIVAP traduzem o tipo de inquietações trazidas à discussão. A amostra é pequena, quantitativamente, mas suficiente para trazer à luz a centralidade dos assuntos discutidos, e que os mesmos, tanto iluminam a problemática atual do planejamento urbano e regional, quanto da arquitetura e urbanismo. O que os une, não são as províncias de conhecimento,

mas as urgências sociais.

Demonstração de que os matizes disciplinares não podem servir como fronteiras intransponíveis, “Mensajes de los territorios y proyecto”, conferência proferida por Pablo Ligrone Fernández, está nesta fronteira híbrida entre as duas áreas. Pablo Ligrone é arquiteto, diretor do Instituto de Estudos Territoriais e Urbanos, e o instituto está abrigado na Faculdade de Arquitetura, Desenho e Urbanismo da Universidad de la República, Uruguai.

E sobre a capa deste número da revista. Sobrepõe duas visões clássicas da arquitetura e urbanismo e do planejamento urbano e regional. No fundo, a Broadacre City (1932), do arquiteto Frank Lloyd Wright. À frente, na figura, diagrama das classes de lugares centrais no sul da Alemanha (c. 1933), do geógrafo Walter Christaller.

Manoel Lemes da Silva Neto  
**Organizador do II S[PLURAU]**